

## PREFÁCIO

Ao prefaciá-lo – na qualidade de Presidente da Comissão Organizadora – as actas do Colóquio “Olhares, 50 anos da morte de Teixeira de Pascoaes” realizado na FLUP, de 7 a 9 de Abril de 2003, por iniciativa do Departamento de Filosofia com a prestimosa colaboração do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, experimento a estranhíssima acutilância do carácter *negativo* e *paralizante* que Kierkegaard imputou à vivência do humano existir como *possibilidade*. Instada à decisão de introduzir o leitor no riquíssimo conteúdo do presente tomo, retrai-me a vontade de o não fazer, de pura e simplesmente desistir. Porque quem mereceria tê-lo feito, já o não pode fazer. Partiu para sempre, *Para a Luz...*

Assim é: partiu. Partiu, mas ficou na perene actualização de uma Saudade que, em presente, é “memória” e “profecia”... O Professor Doutor Eduardo Soveral, meu mestre e mestre de muitos de nós, propicia, na perda dolorosa, a experiência da enxúndia metafísica da saudade, que o poeta de Maranus cantou, talvez como ninguém.

Cito, com José Marinho, um breve excerto da *Vida Etérea*: “Ó céu profundo e virgem! / Val’de estrêlas em flor, onde murmura a origem / Das almas e das cousas...”.

E o filósofo portuense, prossegue:

“Neste tão breve poema, a autêntica realidade se nos mostra e vela com a dupla face. Numa, o céu está vinculado à terra, o Deus que cria comunga o drama da criatura, noutra esplende para além outro verdadeiro céu onde tudo repousa na harmonia”.

Desse misterioso repouso nos acompanha o Professor Eduardo Soveral, relevante figura do pensamento português.

O colóquio “Olhares – 50 anos da morte de Teixeira de Pascoaes” constituiu, sem sombra de dúvida, um momento alto das comemorações de Pascoaes. Reuniu os melhores estudiosos da sua obra que criativamente revisitaram, na sua faceta literária, filosófica, teosófica, mística... Assim se abriram perspectivas que o futuro desvelará na hermenêutica interminável de um sentido *profundo*, não vergável à pura e simples mostraçãõ de superfície, objectalizadora.

Na entranha da poesia ou do ensaio de Pascoaes late a problemática filosófica genuína, não transmutável em conhecimento naturalista-causalista, próprio do saber científico, do saber positivo.

A estética literária de Pascoaes, superando todo o etiquetismo (clássico, moderno, romântico, barroco, idealista, realista, espiritualista, naturalista...), acomete a subjectividade sob a forma de uma interpelação removedora, recriativamente responsável. Talvez Nietzsche tivesse razão ao afirmar que ser é criar e que o artista é, afinal, o “autêntico metafísico”.

A muitos títulos, é pertinente a presença nietzschiana na obra de Pascoaes, como neste volume se refere.

Talvez o poeta, melhor do que o filósofo, institua o sentido auroral, o sentido da raiz ou do fundamento. Em Pascoaes, o mistério, o enigma, são temas recorrentes, são experiências prevalentes, cuja gama de sentidos está bem matizadas nos diferentes escritos reunidos no presente volume.

Talvez seja com o poeta que o filósofo aprende a escutar, na dolorosa vivência de um penar indigente, confortado pela chispa do divino, sempre no horizonte brumoso da transcendência.

As conferências do colóquio “Olhares – 50 anos da morte de Teixeira de Pascoaes” fazem-se eco dessa subtil relação poesia-filosofia, poesia-religião, poesia-mística...

As afinidades do pensamento de Pascoaes com a de filósofos paradigmáticos, comparecem também aqui, abordadas com invulgar mestria: Platão, Nietzsche, Heidegger..., entre outros.

A escuta do sentido originário, a apresentação da ausência, a concretização do abstracto sem contaminação empirista, eis algumas das virtudes da obra de Pascoaes, numa linguagem onde se inscrevem as “vozes do silêncio”, e se institui a inefabilidade. Eis também aqui algumas das questões *nodais* do genuíno filosofar.

A questão da temporalidade é recorrente nos escritos do presente tomo, intrinsecamente ligada à saudade, que também evoca o eterno.

Temporalidade que se (dis)curra numa compreensão vinda das lonjuras do futuro, sempre articulado no passado. E o sentido simbiótico da história – concretamente da história lusitana –, qual imbrincamento inextrincável de memória e profecia, comparece então como Saudade.

Saudade que tem parentescos heideggerianos, nietzschanos, platónicos, ou plotinianos, mas que se não esgota neles: entre outras razões, porque a pena do poeta de Maranus é insubstituível, é “pessoal e intransmissível”. Como nota António Cândido Franco, “o sentido profundo, verdadeiro, essencial da saudade é o *sentimento-ideia*, a *emoção-reflectida*, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e céu, atinge a sua unidade divina”. É este, afinal, o esforço de todo o filósofo-metafísico, seja ele de pendor transcendentalista, seja ele de pendor panteísta-imanentista.

As presentes actas, pela excepcional qualidade do seu conteúdo, impelem o leitor a um reencontro com aquele que foi, e é, um dos grandes expoentes da literatura portuguesa. Reencontro na busca da identidade lusitana, que é sempre intersecção de um passado (cujas raízes deverão ser rememoradas) e de um futuro (que é projecto profético-messiânico). A faceta interventiva de Pascoaes comparece também aqui; urge repensarmo-nos, isto é, desconstruirmos todas as coisificações que nós não somos nem queremos ser. Porque enquistam, porque abalam, porque deprimem, porque matam. Aprendamos com o caminhar doloroso, penoso, do nosso poeta, que é sempre espiritual, solidário, e teimosamente orientado *Para a Luz*. Pensamento “amoroso”, que, qual *eros* platónico, persegue a unificação do céu e da terra, do homem e da natureza, do humano e do divino.

É também este o momento de agradecer à Comissão Organizadora do Colóquio, o seu empenhado profissionalismo. À Prof<sup>ª</sup> Doutora Fátima Marinho, Co-presidente, à Prof<sup>ª</sup> Doutora Maria João Reynaud, à Prof<sup>ª</sup> Doutora Maria Celeste Natário, vogais. Não podemos deixar de salientar a inexcelável disponibilidade desta última, bem como a da secretária Sr<sup>ª</sup> D. Ana Gonzalez, peças basilares na invulgar organização e atenção aos participantes.

Aos patrocinadores deste encontro, os meus sinceros agradecimentos: Reitoria da Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, - Câmara Municipal de Amarante, Governo Civil do Porto, BPI – Banco Português de Investimento, Auto-Sueco, Ld<sup>a</sup>, Mota-Engil, Mário-doçaria regional.

Sem estes patrocínios, ficaria aí uma lacuna na história recente dos estudos do pensamento português.

Da sessão de abertura do Colóquio, reproduz-se apenas o texto da Prof<sup>a</sup> Doutora Maria João Reynaud, dado que os restantes membros da mesa, fizeram intervenções orais, não decantadas em texto.

*Maria José Cantista*